

# Ocorrências Lexicais para Redemoinho no Falar Paulista: Um Estudo Dialectológico

LES OCCURENCES LEXICALES POUR LE MOT TOURBILLON DANS LE PARLER “PAULISTA”: UNE ÉTUDE DIALECTOLOGIQUE

Maranúbia Pereira **BARBOSA-DOIRON** \*

**Resumo:** Este estudo tem por objetivo apresentar e analisar as designações lexicais para a questão de número 07 - *o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves* - do Questionário Semântico-Lexical (QSL), que faz parte do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALIB. O *corpus* é composto pelas realizações lexicais coletadas no interior do Estado de São Paulo, em uma rede formada por 37 pontos – de 150 a 187 (excetuando-se a Capital, São Paulo, de número 179). Procurou-se demonstrar que lendas e crenças, fundamentais quando se trata da cultura de um povo, sobrevivem em histórias que tentam explicar fenômenos naturais como o *redemoinho*.

**Palavras-chave:** Atlas Linguístico do Brasil; Dialectologia; Léxico.

**Résumé:** Cette étude présente et analyse les désignations pour la question numéro 07 – *le vent qui tournoie en rond et élève la poussière, feuilles et autres choses légères* – du Questionnaire Sémantique-Lexical (QSL), qui fait partie du projet Atlas Linguistique du Brésil – ALIB. Le *corpus* est composé par réalisations lexicales recueillies à l’intérieur de l’Etat de São Paulo, dans une chaîne formée par 38 points – de 150 à 187 (sauf la Capitale, São Paulo, numéro 179). On a voulu démontrer que les légendes et croyances, fondamentales quand il s’agit de la culture d’un peuple, survivent dans les histoires qui essaient d’expliquer des phénomènes naturels comme le *tourbillon*.

**Mots-clés:** Atlas Linguistique du Brésil; Dialectologie; Lexique.

---

\*Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL, 2009). Contato: maranubiapereira@hotmail.com.

*O rio que fazia uma volta atrás de nossa casa era a  
imagem de um vidro mole que fazia uma volta atrás de  
casa.*

*Passou um homem depois e disse: essa volta que o rio faz  
por trás de sua casa se chama enseada.*

*Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que fazia  
uma volta atrás de casa.*

*Era uma enseada.*

*Acho que o nome empobreceu a imagem.*

Manoel de Barros (O livro das ignoranças)

## Apresentação

**167-3 ((Bauru-SP))** INF.- Quando era criança nós entrava no meio pa vê se o vento levava, óia, óia que bestera.

A língua constitui-se em um patrimônio vivo de grande relevância para a cultura de um país. Tratar de temas relativos a essa prática social implica discutir acerca de fatores internos e externos que modificam os falares dos integrantes de uma comunidade.

Como bem observa Brandão (1991, p.5), a língua é o palco onde o homem pode exprimir seu pensamento, agir e refletir sobre si mesmo, sobre os outros e o meio em que está inserido. O falante, complementa a autora, desempenha dois papéis de forma simultânea, “ele é usuário e agente modificador de sua língua, nela imprimindo marcas geradas pelas novas situações com que se depara”. Nesse sentido, o léxico de uma língua é o primeiro que muda, por ser ele dotado de fluidez. O léxico, segundo Vilela (1994, p.10), é todo o conjunto de palavras duma língua, “o saber interiorizado, por parte dos falantes de uma comunidade linguística”. A Linguística, por sua vez, valendo-se de diferentes subáreas, com destaque para a Dialetoлогия, Geolinguística, Lexicologia, Lexicografia, Linguística Histórica e Sociolinguística, procura estabelecer e analisar, pautada em metodologias as mais diversas, como, em que tempo e lugar se dão as mudanças que se operam na língua. Dentro de suas especificidades,

cabe à Dialetoлогия descrever, examinar e compreender de que forma elementos de ordem sócio-históricas operam nos falares regionais de uma língua. Já à Geolinguística, atrelada aos estudos dialetológicos, compete reproduzir e classificar, dentro de um espaço delimitado, por meio de mapas e cartas específicas, as variações dialetais registradas em dado grupo social.

Sendo assim, propõe-se, neste artigo, apresentar e analisar, observando a metodologia dos estudos dialetológicos, as diferentes designações lexicais para a questão de número 07 - *o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folhas e outras coisas leves* - do Questionário Semântico-Lexical (QSL), que faz parte do projeto Atlas Linguístico do Brasil – ALIB. Compõem o *corpus* as realizações lexicais coletadas no interior do Estado de São Paulo, em uma rede formada por 38 pontos – de 150 a 187 (excetuando-se a Capital, São Paulo, de número 179). Os informantes, 148 ao todo, apresentam o seguinte perfil, detalhado no quadro a seguir.

<b>Informante</b>	<b>Sexo</b>	<b>Faixa etária</b>	<b>Escolaridade</b>
1	Masculino	18 a 30 anos	Até 8ª série
2	Feminino	18 a 30 anos	Até 8ª série
3	Masculino	50 a 65 anos	Até 8ª série
4	Feminino	50 a 65 anos	Até 8ª série

**Quadro 1** – Perfil dos informantes

A rede de pontos no Estado de São Paulo, interior e Capital, encontra-se assim distribuída:

150 - Jales	151- Votuporanga	152-São José do Rio Preto	153-Barretos
154- Franca	155- Andradina	156- Araçatuba	157-Ribeirão Preto
158- Lins	159- Ibitinga	160- Mococa	161- Presidente Epitácio
162- Adamantina	163- Araraquara	164-Teodoro Sampaio	165- Presidente Prudente
166- Marília	167- Bauru	168- Mogi Mirim	169- Assis
170- Bernardino Campos	171- Botucatu	172- Piracicaba	173- Campinas
174-Bragança Paulista	175- Taubaté	176- Guaratinguetá	177- Itapetininga
178- Sorocaba	179- SÃO PAULO	180- Caraguatatuba	181-Itararé
182- Capão Bonito	183- Itanhaém	184- Santos	185- Ribeira
186- Registro	187- Cananéia		

**Quadro 2** – Rede de pontos

Basicamente, a metodologia empregada neste estudo considerou as seguintes etapas: i) levantamento das variantes lexicais dos informantes para *redemoinho*; ii) tabulação e análise dos dados; iii) consulta a dicionários de língua portuguesa e dicionários de folclore; iv) interpretação das variantes recolhidas junto aos informantes.

### **Dialetologia e geolinguística no Brasil: nota histórica**

Tem-se aceito como marco dos estudos dialetais no Brasil, a obra *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, editada em 1920. Conquanto não caracterizada por apuro científico, o livro se destaca pelo ineditismo, ao considerar os falares locais e regionais no país. O interesse pela dialetologia ganha impulso com a publicação, em 1923, de *O linguajar carioca*, por Antenor Nascentes.

Também são relevantes o livro de Mário Marroquim – *A língua do Nordeste* – de 1934, a obra *Linguagem de Goiás*, de autoria de José Aparecido Teixeira, datada de 1944, além de alguns trabalhos monográficos voltados à análise de diferentes dialetos.

Pode-se afirmar que a formação de uma mentalidade dialetológica nacional teve início com o linguista-filólogo Serafim da Silva Neto e sua *Introdução ao estudo de língua portuguesa no Brasil*, lançada em 1950. Por essa época, o estudioso propõe um projeto para um Atlas Linguístico Nacional, publicando, à guisa de orientação, o *Guia para estudos dialetológicos*. Na obra, Serafim da Silva Neto apresenta as bases metodológicas para pesquisas de campo nessa linha, sugerindo mesmo um questionário específico e uniforme.

Ao empenho e pioneirismo de estudiosos como Serafim da Silva Neto, se contrapõem problemas de toda ordem, tais como, a dimensão territorial do país, a dificuldade de acesso aos informantes, a inexistência de centros linguísticos, a precariedade de recursos para o desenvolvimento das pesquisas e, sobretudo, a falta de mentalidade linguística.

No final da década de 50, decisiva para a estruturação e desenvolvimento dos estudos dialetológicos, Antenor Nascentes publica as *Bases para a elaboração do Atlas linguístico do Brasil*, propondo a execução de atlas regionais, mais viáveis naquele momento do que um projeto que encampasse todo o território nacional, considerando as dificuldades já citadas. Nascentes propôs a clássica divisão do território nacional em seis subfalares: amazônico, baiano, mineiro, fluminense e sulista. As *Bases* fornecem ainda orientações para a definição de pontos de pesquisa, proposição de questionário apropriado e escolha dos informantes, norteando, até os dias atuais, os que se iniciam em estudos da língua portuguesa no Brasil.

Além dos autores acima nominados, Brandão (1991, p.74), destaca os trabalhos empreendidos por Celso Cunha, Clóvis Monteiro, Jacques Raimundo, Martins de Aguiar, Gladstone Chaves de Melo, José Aparecido Teixeira, Heinrich Bunse, Sílvio Elia, Antônio Houaiss, além do projeto *Norma Linguística Oral Urbana Culta* (NURC), de linha sociolinguística.

Em 1963, é publicado o primeiro atlas regional brasileiro – o *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (AFPB) – coordenado pela equipe do

professor Nelson Rossi, um marco na instauração efetiva da Geografia Linguística no Brasil. Em seguida, vieram:

*Atlas Linguístico de Sergipe – ALS; Atlas Linguístico de Sergipe II – ALS-II* – (1987), (2002)

*Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais – EALMG* - (1977)

*Atlas Linguístico da Paraíba – ALP* – (1984)

*Atlas Linguístico do Paraná – ALPR* (1994/1996)

*Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul – ALERS* (2002)

*Atlas Linguístico Sonoro do Pará – ALISPA* (2004)

À parte os atlas citados, há outros trabalhos publicados, além de estar em curso em importantes universidades do país diversos projetos desenvolvidos em nível de mestrado e doutorado, muitos deles em fase de finalização e publicação, numa demonstração de quão profícuas são as pesquisas nessa área do conhecimento.

## **O Atlas Linguístico do Brasil – ALiB**

As experiências advindas do desenvolvimento e execução de atlas regionais culminaram na retomada do projeto para o *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), em 1996, na Universidade Federal da Bahia, durante o seminário *Caminhos e perspectivas para a geolinguística no Brasil*. Na oportunidade, criou-se o Comitê Nacional, constituído por pesquisadores oriundos de instituições de magistério superior dos estados da Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Ceará, Paraná e Rio Grande do Sul, incumbidos de implementar o projeto e decidir acerca de sua abrangência e distribuição espacial.

Os dados coletados pelos atlas regionais publicados não puderam, como poderia se pensar, ser aproveitados para o ALiB, visto que cada um deles segue metodologia e prioridades próprias. Assim, uma das primeiras medidas tomadas pelo Comitê referiu-se à determinação da rede de pontos, um total de 250 localidades, escolhidas segundo critérios que levaram em conta a extensão territorial, a demografia das regiões, aspectos de natureza histórico-cultural, além de limites internos e internacionais, muitos deles sugeridos por Nascentes a seu tempo.

Em relação aos informantes, estabeleceu-se que seriam em número de *oito* nas capitais de Estado e *quatro* nas demais localidades;

sendo duas as faixas etárias – 18 a 30 anos e 50 a 65 anos – privilegiando igualmente homens e mulheres; no interior, os informantes têm até a *quarta série do ensino fundamental*, e nas capitais, dos oito escolhidos, quatro deles possuem *nível universitário*.

O *questionário linguístico* foi elaborado de forma a contemplar os aspectos *fonético-fonológico* (QFF – 159 perguntas), *semântico-lexical* (QSL – 202 perguntas) e *morfossintático* (QMS – 49 perguntas), além de questões referentes à pragmática e de natureza metalinguística. O QSL compreende 14 campos semânticos, sejam eles Acidentes Geográficos, Fenômenos Atmosféricos, Astros e Tempo, Atividades Agropastoris e Fauna.

### **Breve Perfil do Estado de São Paulo**

Situado na região Sudeste do Brasil, entre Minas Gerais, ao norte e noroeste, Rio de Janeiro a leste, oceano Atlântico a sudeste, Paraná ao sul e sudoeste, e Mato Grosso do Sul a oeste, o estado de São Paulo, <sup>1</sup> com 248 mil quilômetros quadrados, é um dos mais importantes do País, econômica, política e culturalmente. Com 645 municípios e uma densidade demográfica acima da média no país, reflexo do fluxo migratório proveniente das demais regiões do país e de muitos países, São Paulo responde por quase 34% do Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, resultado de uma sólida industrialização, com destaque para a siderurgia, a petroquímica e o complexo aeroespacial, agropecuária forte e produtiva e o setor terciário potente e diversificado, sediando conglomerados de instituições financeiras nacionais e internacionais. O Estado também é pólo no setor de educação, com grandes universidades e fundações de apoio à pesquisa científica.

O território onde se encontra o Estado de São Paulo é conhecido dos viajantes europeus desde o início do século XVI, quando se tem registro da visita de Américo Vespúcio, em 1502, no local onde, trinta anos mais tarde, seria fundada a vila de São Vicente pela expedição colonizadora chefiada por Martim Afonso de Souza. O Estado

---

<sup>1</sup> Fonte: Larousse Cultural (1986, p. 5366-5372).

vivenciou importantes ciclos históricos, tais como o extrativismo, a mineração e as célebres bandeiras, movimento organizado por aventureiros para desbravamento do sertão, aprisionamento de indígenas e consequente exploração das riquezas naturais. No final do século XVIII, a mineração, já em franca decadência, cedeu lugar à lavoura de cana-de-açúcar e, mais tarde, já em meados do século XIX, à cultura do café. É consenso entre os historiadores que o café foi um dos fatores, se não o principal, que atraíram trabalhadores oriundos de diversas partes do país e do mundo na direção de São Paulo. A riqueza gerada pelos cafezais impulsionou não apenas a economia, mas também a política, com influência em âmbito nacional, e a cultura, com a miscigenação de diferentes povos.

O chamado “caldeirão cultural” existente em São Paulo se reflete na linguagem e em suas manifestações, notadamente, a língua, o que é explicado por Coseriu (1987, p.112): “as formas não ‘viajam’ por si mesmas, mas são introduzidas no acervo de um indivíduo através da fala de outro indivíduo, mediante contatos”. Essas relações entre os indivíduos, complementa o autor, proporcionam trocas e transferências de hábitos linguísticos.

Justifica-se, assim, a escolha, por parte dos pesquisadores do ALiB, dessa rede de pontos no Estado de São Paulo, por nela ser possível detectar movimentos históricos e sociais que desencadearam transformações nos falares locais e regionais. Os dados colhidos nas localidades citadas, como se pretende demonstrar no presente estudo, revelam uma rica confluência de culturas, importante para o entendimento da língua portuguesa falada no Brasil.

### **Redemoinho, rodamoinho: o vento roda o moinho**

A unidade lexical *redemoinho* possui várias formas dicionarizadas. Houaiss (2004), Ferreira (1986) e Aulete (1980) definem o termo *redemoinho* como sendo correlato de *remoinho*, esse último, mais antigo, com influência de *roda*. *Remoinho*, nos dois dicionários, uma forma derivada do verbo *remoinhar* (de *re* + *moinho* + *ar*), aparece como um movimento em círculo causado pelo cruzamento de ondas ou ventos contrários; movimento circular e forte, de pequeno diâmetro, que se processa em espiral. São apresentadas as variantes *redomoinho*, *rodomoinho*,

*rodamento, rajada de vento, pé-de-vento, tufão*, como sendo lufadas de ar que se movimentam em círculo(s); disposição do cabelo em espiral como a que se nota no cocuruto da cabeça do homem. *Remoinhar*, por sua vez, é apresentado como andar à roda em círculos ou espirais: *os ventos remoinharam, destruindo tudo*; fazer girar, rodar: *o vento remoinha as pás do moinho*.

Cunha (1986), em seu dicionário etimológico, aponta algumas variantes para *redemoinho* quando dos primeiros registros da palavra, no século XVI: *redemunho* (XV), *redomoinho* (XVI). Cunha também traz a variante *rodominho*, citada em 1813. Verifica-se que o termo evoluiu do latim *rota*>*roda* e *mõño* (XIII), *moyno* (XIII), formas derivadas do latim tardio *mōlinum*. Assim, a partir de *roda* + *moinho*, chegou-se a *rodamoinho*, que parece ser a forma mais antiga dentre as apresentadas nos dicionários consultados. O vento que se forma na terra, girando em espiral e levantando poeira foi associado a um dos mecanismos de que é feito um moinho – a *roda de vento*, uma roda com pás movidas pelo vento, necessária para impulsionar as mós e proceder à moagem dos grãos.

Não se pode precisar há quanto tempo surgiram os moinhos, mas estima-se que tenham sido criados a partir da necessidade de se moer grãos de cereais, no caso, o trigo, o primeiro a ser aproveitado e cultivado pelo homem, fundamental no processo de sedentarismo, por volta de 5 mil a.C, segundo alguns historiadores.<sup>2</sup> Etimologicamente, a hipótese se sustenta, já que tanto o vocábulo *moinho* quanto o verbo *moer* apresentam a mesma raiz: *molĕre* – triturar, esmagar, reduzir a pó. O moinho só consegue operar quando alguma força ou energia, no caso, o vento, a água, ou mesmo a tração animal, tocam a roda. Da observação de seu funcionamento pode ter sido formada a palavra *redemoinho*, cujo sentido se explica pelo mesmo princípio: vento rodopiando em círculo e deslocando o que encontrar pela frente.

### **Descrição e análise das variantes lexicais para *redemoinho***

Foram registradas 13 variantes lexicais para a questão número 07 do Questionário Semântico-Lexical – QSL – *o vento que vai virando e*

---

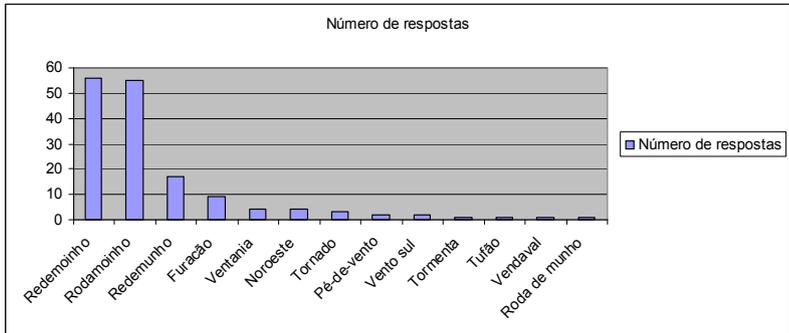
<sup>2</sup> Fonte: Larousse Cultural: (1986, p. 5880, 5881)

*levanta poeira, folhas e outras coisas leves.* Alguns informantes, dentre os 148 escolhidos, forneceram mais de uma resposta para a pergunta, perfazendo um total de 156 registros lexicais.

<b>Variantes</b>	<b>Número de respostas</b>	<b>Percentual de ocorrências</b>
Redemoinho	56	35,90%
Rodamoinho	55	35,26%
Redemunho	17	10,90%
Furacão	09	5,77%
Ventania	04	2,56%
Noroeste	04	2,56%
Tornado	03	1,92%
Pé-de-vento	02	1,28%
Vento sul	02	1,28%
Tormenta	01	0,64%
Tufão	01	0,64%
Vendaval	01	0,64%
Roda de munho	01	0,64%
<b>13</b>	<b>156</b>	<b>100,00%</b>

**Quadro 3** – Percentual de ocorrências

Como demonstra o quadro, as duas variantes com maior incidência foram *redemoinho* e *rodamoinho*, com 36,13% e 35,48%, respectivamente. Todas as outras formas dicionarizadas, como *redemunho*, *pé-de-vento* e *tufão* também foram realizadas pelos informantes, ainda que em menor número. A designação *roda de munho*, fornecida por um informante do sexo masculino, com idade entre 50 a 65 anos, de Ibitinga, corrobora a analogia entre a *roda de moinho* (a engenhoca) e *redemunho/rodamoinho* (o vento em espiral).



**Quadro 4** – Gráfico de respostas coletadas

As lexias *furacão*, *tornado* e *tufão* denotam que os informantes não têm muito clara a distinção entre um simples *redemoinho* e os outros três fenômenos naturais, de intensidade mais forte e consequência mais avassaladora. Já as variantes *ventania*, *tormenta* e *vendaval* demonstram igualmente que alguns informantes associam ventos fortes a chuvas torrenciais.

Considerou-se que as designações lexicais *noroeste* (4 ocorrências) e *vento sul* (2 ocorrências), um caso mais específico dentre as ocorrências, mereceriam uma análise mais detalhada.

Noroeste –	Vento sul
(167/2) Bauru – 01 registro	(187) Cananéia – informantes 2 e 4
(180/2) Caraguatatuba – 01 registro	
(183/3) Itanhaém – 01 registro	
(184/3) Santos – 01 registro	

**Quadro 5** – Ocorrências de *noroeste* e *vento sul*

Note-se que as localidades têm em comum o fato de estarem situadas ao largo do litoral paulista (exceto Bauru), como explicitado no quadro. Sabe-se que cidades situadas próximas ao oceano vivenciam contatos com tripulações de navios e outras embarcações, até porque muitas delas possuem portos em seus domínios. Ora, trabalhadores do mar, por conta do ofício, são familiarizados à terminologia de

fenômenos meteorológicos, especialmente o vento. Observando a direção de onde ele sopra, sabem que condições do tempo devem esperar.

*Noroeste e vento sul* são apenas alguns dos termos para designar o vento. Além deles há a *tramontana*, que sopra do norte, das regiões árticas em direção ao continente, no hemisfério norte, trazendo massas de ar frio. *Tramontana* é como também é chamada a estrela polar para algumas populações européias. Ainda no hemisfério norte, especificamente na Europa, registra-se outra designação para o vento, o *mistral*, cujas correntes se formam no norte ou noroeste daquela parte do mundo, atingindo particularmente o vale do rio Rhône, nas cercanias do mar Mediterrâneo. O *siroco*, mais uma variante, é um vento quente, muito seco, que sopra do deserto do Saara em direção ao litoral africano, chegando à Cote-d’Azur, às margens do Mediterrâneo.

No Brasil, particularmente no Rio Grande do Sul, é bastante conhecida a designação *minuano*, um vento frio e seco que parte do quadrante sudoeste durante o inverno, derrubando as temperaturas. O sudoeste, em relação à localização daquele Estado, abrange o Uruguai e a Patagônia argentina.

Em relação às cidades de Caraguatatuba, Itanhaém e Santos, o *noroeste* sopra do continente para o oceano. A presença da ocorrência em Bauru, distante do litoral, atesta o que observa Coseriu (1987), que as palavras não viajam sozinhas, elas são levadas pelos falantes e se incorporam ao léxico da comunidade onde eles se instalam.

Em Cananéia, o *vento sul* também é continental, possivelmente, causado pelo avanço de frentes frias que chegam do Estado do Paraná. O *noroeste* e o *vento sul* têm como características as correntes fortes e irregulares, que, ao atingirem os pontos, interferem no clima. O *redemoinho*, por extensão, é um dos fenômenos provocados por esses ventos.

## O folclore no olho do *redemoinho*

Cascudo (1972) traz as variantes *redemoinho*, *remoinho* e *rodamoinho*, mas diverge de Aulete (1980), Ferreira (1986) e Houaiss (2004), ao afirmar que esses fenômenos não significam a mesma coisa que *pé-de-vento*. Esse último, do ponto de vista do folclore, é o que se entende

pela *lufada brusca, inesperada, que passa reboando*. O *redemoinho*, esse sim, *é vento em espiral, rodando como um parafuso gigante. Tem vida própria e atende às intercessões divinas. A origem, diz o povo, é o encontro de dois ventos. Briga de ventos, duelo, vadiação*. A tradição aponta como autor do *redemoinho* o Saci Pererê.

Com efeito, grande parte dos informantes relatou histórias referentes à presença do Saci no olho do *redemoinho*. Para neutralizar a ação do vento e capturar a entidade fantástica, os informantes disseram que a peneira, atirada em sua direção, era tiro certeiro. Em Bernardino de Campos um informante fez referência também a outros objetos, igualmente eficazes:

**170/4 ((Bernardino de Campos-SP))** INQ.- E daí pegava o quê, o saci com quê?

INF.- Eu sei lá, minha dizia que tinha o saci, todo mundo corria, né, de medo do rodemunho, né.

INQ.- É porque às vezes a mãe falava que o saci tava lá e tinha que jogar o quê pra....

INF.- (inint) jogá terra né, jogá terrinha, terrão, alguma coisa assim. Pedra.

Cascudo (1972) cita a crença no poder do rosário de contas brancas (pode ser também uma palha benta), que deve ser jogada no centro do *redemoinho*, ao mesmo tempo em que se dá o alarme: *aqui tem Maria! Aqui tem Maria! Com o nome de nossa Senhora, o Saci Pererê não quer confianças. Vai brincar noutras paragens*. A mesma história aparece no relato deste informante:

**162/2 ((Adamantina))** - INF.- Chama de redemuinho tamém.

INQ.- Tem alguma história desse redemoinho que você conhece?

INF.- Eu tenho. A minha mãe falava assim pra mim, a minha mãe não, a minha vó, falava pra mim, que quando aparecia redemuinho era o saci que tava lá. Aí cê, aí cê tinha que falá assim: “Aqui tem Maria, aqui tem Maria, aqui tem Maria”. Aí ele vai embora.

Citando o escritor português Teófilo Braga (1843-1924), Cascudo (1972) faz menção a outra variante – *rosemunho* – vento tocado por uma *cousa má*, popular no folclore português: *o rosemunho é como uma poeirada, leva paus, pedras, e, se apanha alguma pessoa no meio, leva também pelos ares*. A lenda sobrevive no Brasil, e foi lembrada por informantes em Votuporanga e Bauru:

**151/3 ((Votuporanga))** INF.- [...] quando a minha mãe era molecona, isso foi verdade, ela conta pra nós, meninona assim de... nove, dez ano, isso há muitos ano atrás, quase ses/, setenta ano atrás, teve um rodemunho, aconteceu isso c'a irmã dela memo, tava, elas tava tudo brincando, deu um rodemunho forte e... as mais, mais véia correu né, a mai novinha, coitada, ficô pra trás, o rodemunho catô ela, rodô ela assim pra cima assim no meio daquele bolo de terra e vento e jogô no meio de uma moita de pinha, aquelas pinha arraizada, sabe?

**167-3 ((Bauru-SP))** INF.- Quando era criança nós entrava no meio pa vê se o vento levava, óia, óia que bestera. Onde que eu morava lá, oto falava: oh, o capeta vai te... (risos) Vai nada, eu tava ali e era forte memo, aqueles papel ficava tudo virano em vorta. Num levava nada, enchia era o zóião de terra.

Entre toda a rede de pontos, a localidade de Botucatu (171) foi a que apresentou a crença mais arraigada na figura do Saci Pererê. Três dos informantes fizeram menção a uma criação de sacis na cidade, e um deles chegou a indicar o local onde, supostamente, poderiam ser avistados.

**171/1 ((Botucatu))** INF.- Ah, isso aí num... nego fala que daqui é criadoro, mai? eu num creio nisso daí não. Diz que tem aí criação de saci aí na cidade.

INQ.- Onde que tem?

INF.- Indo pa Unesp. Sabe indo pa Unesp? Conforme 'cê pega pa í pa Bauru ou pa í na Marechal Rondon lá, tem uma estrada que vai embora reto lá. Lá p'uns chacaraiada lá. Tem, tem praça, tem tudo lá, pa num buziná, num fazê barulho, num sei o quê, criação de saci, num sei o quê, num sei o quê.

171/2 ((**Botucatu**)) INQ.- Aqui em Botucatu disse que tem os criadores de saci, né?

INF.- Tem.

172/3 ((**Botucatu**)) INF.- Não, eu já, a gente já vê ‘té, ‘té na televisão já passô.

INQ.- Ah, é?

INF.- É. Inclusive tem uma senhora aí que é ela que comanda essa... esse lugar que tem isso aí... isso aí... Agora, mas eu nunca fui. O...

INQ.- Mas o senhor conhece a lenda pra contar pra mim? Seria interessante pra mim.

INF.- Falam que nesse lugar existe o saci, né, que ‘cê tem que ter horário certo que ‘cê vai lá, pra... pa podê aparecê o saci. Mais eu num... nunca fui e também ninguém... ninguém nunca me contô pra mim que foi lá e viu o saci, porque se ele falasse eu ia lá. Falá: “Então vamô lá pa nóí’ vê”!

Como se percebe, a lenda de um ser fantástico no olho do *redemoinho* continua sendo propagada nas localidades pesquisadas. Em Portugal, imputa-se ao diabo a culpa pela desordem provocada pelo vento misterioso, enquanto que no Brasil o agitador das correntes de ar é o Saci Pererê, é ele quem carrega a roupa dos varais, que aspira para cima e para longe folhas e galhos, num rico exemplo de intercâmbio cultural. Os excertos mostram que os informantes hesitam entre a descrença e a superstição, rejeitam a lenda, dizem ser coisa dos antigos, mas não parecem estar de todo convencidos. Parece haver, também, o gosto por cultivar histórias como essas, exemplos da autenticidade da cultura popular.

### Considerações finais

Este estudo teve por objetivo a análise de alguns fatos linguísticos na área da Dialectologia. Procurou-se descrever as designações lexicais fornecidas para a questão número 07 do Questionário Semântico-Lexical (QSL) - *o vento que vai virando em roda e levanta poeira, folbas e outras coisas leves* – um dos questionários integrante do Atlas Linguístico do Brasil – ALIB.

Num universo de 148 informantes distribuídos por 37 pontos no interior do Estado de São Paulo, obtiveram-se, dentre as 156 respostas, 13 variantes para *redemoinho*. As formas dicionarizadas *redemoinho*, *rodamoinho* e *redemunho*, com 35,90%, 35,26% e 10,90%, respectivamente, foram as mais lembradas. Realizaram-se ainda *furacão*, *ventania*, *noroeste*, *tornado*, *pé-de-vento*, *vento sul*, *tormenta*, *tufão*, *vendaval*, empréstimos tomados de eventos meteorológicos estendidos ao que os informantes compreendem por *redemoinho*. A variante *roda de munho* se aproxima da lexia *rodamoinho*, formada no século XVI.

Verificou-se entre os informantes a crença num ente extraordinário – o Saci Pererê – como o causador do *redemoinho*. Muitas das histórias aqui coletadas estão também presentes em Portugal, adaptadas ao folclore brasileiro.

Concluiu-se que a língua portuguesa, como constata Vilela (1994, p.14), apresenta-se como “o resultado de uma longa história, e o léxico é o subsistema da língua mais dinâmico, porque é o elemento mais diretamente chamado a configurar linguisticamente o que há de novo”. No léxico se refletem de maneira aparente e imediata todas as situações vivenciadas por indivíduos de determinada comunidade. Por isso, os estudos dialetológicos e geolinguísticos se revelam fundamentais para um amplo entendimento da cultura de um povo.

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade. *Atlas Lingüístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1994.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Hucitec, 1976.

ARAGÃO, Maria do S. S. de, MENEZES, C. B. de. *Atlas lingüístico da Paraíba – ALPB*. Brasília: Universidade Federal da Paraíba/CNPq, 2 v., 1984.

AULETE, Caldas. *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*. 5v. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia linguística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. *Atlas linguístico de Sergipe II*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1972.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001.

COSERIU, Eugênio. *O homem e sua linguagem*. 2ª edição. Coleção Linguagem 16. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

CRUZ, Maria. Luiza da. *Atlas linguístico do Amazonas*. Rio de Janeiro: UFRJ. Tese de Doutorado. 2004, 2v.

CUNHA, Antonio Geraldo. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, Carlota da S. et al. *Atlas Linguístico de Sergipe*. Salvador: Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

KOCH, W.; KLASSMANN, M.S.; ALTENHOFEN, C.V. *Atlas linguístico-etnográfico da região sul do Brasil – ALERS*. Porto Alegre/ Florianópolis/Curitiba: UFRGS/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2002.

LAROUSSE CULTURAL. 30v. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1986.

MARROQUIM, Mário. *A língua do Nordeste*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

NASCENTES, Antenor. *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

\_\_\_\_\_. *O linguajar carioca*. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de. *Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul-ALMS*. Campo Grande: UFMS, 2007.

RAZKY, Abdelhak. (Org.). *Atlas lingüístico sonoro do Pará*. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RIBEIRO, J.; ZÁGARI, M. R. L.; PASSINI, J.; GAIO, A. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais – EALMG*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa/Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 1, 1977.

ROSSI, Nelson.; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. *Atlas prévio dos falares baianos – APFB*. Rio de Janeiro : INL/MEC, 1963.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo de língua portuguesa no Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

TEIXEIRA, José Aparecido. *Estudos de dialetologia portuguesa: linguagem de Goiás*. São Paulo: Anchieta, 1944.

VILELA, Mário. *Estudos de lexicologia do português*. Coimbra: Almedina, 1994.